



Revista Historiar

ISSN: 2176-3267

Vol. 11 | Nº. 21 | Jul./Dez. 2019

Patrícia Couto Nascimento
Graduada em História/ UNIABEU
patriciacouto47@gmail.com

DA “FORMOSA SEM DOTE” À MARQUESA DE SANTOS: memória e representação de Domitila de Castro Canto e Melo.

RESUMO

A memória e a representação são responsáveis pela construção dos nossos personagens históricos. Neste caso, Domitila de Castro Canto e Melo, trata-se de uma personagem que irá sofrer incontáveis interpretações e representações ao longo desses dois séculos. Sua história vem sendo interpretada e representada nos diversos parâmetros em que a sociedade se encontra.

Palavras-chave: História das Mulheres; Representações; Marquesa de Santos; Brasil Império.

FROM “FORMOSA WITHOUT DOWN” TO MARQUESA DE SANTOS: memory and representation of Domitila de Castro Canto e Melo.

ABSTRACT

Memory and representation are responsible for the construction of our historical characters. In this case, Domitila de Castro Canto e Melo is a character who will undergo countless interpretations and representations over these two centuries. Its history has been interpreted and represented in the various parameters in which society finds itself

Keywords: History of Women. Representations. Marquesa de Santos. Brazil Empire.

Introdução¹

Rio de Janeiro, século XIX, em meio uma sociedade patriarcal, regida pelos moldes pré-definidos da moralidade encontramos Domitila de Castro Canto e Melo ou “Marquesa de Santos”. Uma mulher relatada por muitos como: “à frente de seu tempo” (REZZUTTI, 2011, p.15). Em um cenário onde a cultura machista, subjuga o papel da mulher a afastando dos espaços públicos e ratifica a exclusão da figura feminina dos seus papéis sociais, colocando sua imagem pré-disposta a vida doméstica, configura-se um cenário da negação do espaço social da mulher. Será em meio a esse cenário que Domitila irá atuar.

As mulheres não tinham história, não podendo, conseqüentemente, orgulharem-se de si próprias. [...] Uma mulher não nascia mulher, mas tornava-se mulher. Para que isto acontecesse ela deveria submeter-se a um complexo processo no seio de uma construção histórica cujo espírito determinaria seu papel social (BEAUVOIR, 2003, p. 102).

A Corte do Rio de Janeiro, em 1822 encontrava-se em um momento muito delicado. Várias agitações populares e as pressões em torno do Príncipe herdeiro D. Pedro I, direcionava todos os olhares em torno da Família Real. É nesse momento que a princesa Leopoldina passa a ser de suma importância para manutenção do marido no caminho do dever e da honra que cabia aos súditos da monarquia. A princesa de Habsburgo que se tornou a primeira estadista da história do Brasil, terá sua imagem como principal contraponto da imagem da Marquesa. É dentro dos parâmetros sociais daquela sociedade que irá se construir ou denegrir a imagem dessa personagem.

Seu nome passa a ter destaque na história a partir de seu contato com o Imperador D. Pedro I. Pouco antes da independência, em uma viagem à província de São Paulo, conhece Domitila, uma jovem aristocrata que com apenas 16 anos fora casada com Felício Pinto Coelho Mendonça, um oficial mineiro com quem teve três filhos, Nascida em 27 de Dezembro de 1797, filha do Coronel reformado João de Castro Cantão e Melo, ainda muito jovem viveu grandes dramas ao lado de seu marido, em 1815 após ser esfaqueada estando grávida ela o abandona e volta para casa dos seus pais em São Paulo.

Domitila, Titília², Duquesa, Viscondessa, Marquesa de Santos... Dentre inúmeros nomes e títulos que lhe fora atribuído, ganha ênfase na historiografia brasileira a partir

¹ Artigo produzido a partir do TCC de graduação de Licenciatura em História- UNIABEU, em 2015.

² Pronome de tratamento utilizado por d. Pedro para se referir a Domitila em suas cartas.

do seu celebre e escandaloso romance com o Imperador, tendo como pano de fundo as transformações política, sociais e econômicas do nascente Império do Brasil. (REZZUTTI, 2013, p.11)

Da província de São Paulo direto para Corte, Domitila e sua família chegam em janeiro de 1823, em meio a esse cenário que a Pompadour tropical (PRIORE, 2012, p.107) irá viver apenas sete dos seus setenta anos de vida, mas que serão suficientes para eternizar sua imagem nas inúmeras obras produzidas ao longo desses quase duzentos anos.

A Madame Castro

Já instalada em sua nova casa na região de Mata Porcos, Região onde hoje é o Bairro do Estácio, Domitila e sua família são devidamente amparados pelo Imperador, como o próprio a prometeu em sua primeira carta à amada:

Santa Cruz, 17 de novembro de 1822

Cara Titíla,

Foi inexplicável o prazer que tive com as suas duas cartas. Tive arte de fazer saber seu pai que estava pejada de mim (mas não lhe fale nisto) e assim persuadi-lo que a fosse buscar e a sua família, que não já de cá morre de fome, muito especialmente o meu amor. Por que estou a ponto de fazer sacrifícios.

Aceite abraços e beijos e fo...

Deste seu amante que suspira pela ver cá quanto antes,

O Demonão (RANGEL, 1984, p. 53).

Porém, esse espaço não foi suficiente para sua amada, sendo necessária a construção de um belo palacete ao lado da Quinta da Boa Vista, residência oficial da família real, de onde se tem notícias que sua movimentação era tão intensa quanto a do Paço Imperial. O romance de Pedro e Domitila, não era mais segredo para corte, para D. Leopoldina e, muito menos, para as nações estrangeiras. A essa altura o romance já havia cruzado o oceano, principalmente, após a cerimônia do Beija-mão³, realizada no dia 24 de maio de 1826, onde d. Pedro reconhece publicamente a pequena Isabel Maria, sua filha com a amante e a concede o título de Duquesa de Goiás, título esse que lhe dá o direito de ser tratada por “sua alteza”. Claro que outros inúmeros escândalos já haviam sido protagonizados por Ela, como por exemplo, o rompimento de d. Pedro com os Andradas e sua ocupação ao cargo de 1º dama do Paço Imperial. Quando Domitila é

³ O beija-mão é uma tradição de reverência a personalidades eminentes, praticada em várias culturas desde tempos remotos.

agraciada com o título de marquesa de Santos⁴ já não se fazia mais segredo dessa relação de amor e poder.

Suas características são bem específicas das mulheres paulistanas⁵, talvez por isso, mesmo com seu exílio da Corte em 1829, seu nome não se apagou da história, pelo contrário, passou a ter sua imagem vinculada aos mais destacados acontecimentos do Brasil Império. Seu retorno a São Paulo e seu casamento com o Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, político militar que liderou a revolução liberal de 1842, a aproxima ainda mais da vida política e sua participação passa ser intensa nas esferas políticas e sociais daquela cidade, chegando até mesmo a ser considerada, por alguns biógrafos, como “divisor político”, com expressões que perduram até os dias atuais, como “marquesistas e antimarquesistas” (REZZUTTI, 2013, p. 202).

A figura de Domitila tem sua primeira marca destacada para domínio público em 1826, Assis Cintra, autor e biógrafo de personagens do Brasil Império, cita que foi editado em Paris: *O Grito do Ipiranga e o Brasil Político*. Uma obra anônima que teria sido escrita pelos deputados da constituinte de 1823 exilados. Essa narrativa, além de destacar o Grito, discorre sobre a intromissão e influência da marquesa e do Chalaça no cenário político nacional (REZZUTTI, 2013, p. 267).

A dialética

As incontáveis obras e biografias produzidas em torno da marquesa, mostra as inúmeras formas de interpretação dessa figura histórica. Ao longo do Séc. XX as produções culturais ligadas diretamente ou, indiretamente, à Marquesa deixam claras as transformações ocorridas durante esse período, podemos atribuir essas mudanças não somente as novas formas de se “escrever” a história, mas também às transformações culturais ocorridas ao longo desse século na nossa sociedade.

As mulheres passaram a ocupar um novo espaço. Estas, sempre foram protagonistas, no que diz respeito à vida privada, porém, ao longo do século ocorrem

⁴ O título trata-se de uma afronta ao seu opositor José Bonifácio, o artífice da Independência, possuía suas origens da cidade de Santos no litoral paulista, que fora fundada por seu pai, o Coronel Bonifácio José Ribeiro de Andrada.

⁵ Na cidade de São Paulo, a autoridade feminina era um fato e, com sua liderança econômica e moral, ela consolidava uma posição de poder entre a parentela e a vizinhança. Mulheres recorriam às autoridades para fazer prevalecer suas vontades no âmbito de querelas familiares. A luta para sobreviver no imprevisto do dia a dia fez das paulistas figuras fortes. PRIORE, Mary Del. **A Carne e o Sangue**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2012, p. 110.

significativas mudanças nos papéis sociais dos gêneros. Nas últimas décadas desse período ocorre um aumento expressivo de inclusão das mulheres em diversos campos profissionais e uma atuação direta na vida pública, como por exemplo, no campo político (TEDESCHI, 2008, p. 39). Esse novo espaço de atuação feminina, logo irá refletir na reprodução da imagem das várias personagens femininas da nossa história, dentre elas Domitila de Castro Canto e Melo. Desse modo: “Os autores não escrevem livros: não, escrevem textos que os outros transformam em objetos impressos. A diferença, que é justamente o espaço em que se constrói o sentido- ou os sentidos” (CHARTIER, 1989, p. 177).

Os autores pesquisados se debruçaram, ainda, em uma Domitila impregnada pelos padrões socioculturais da época. A Historiografia, mostra com clareza toda culpabilidade transferida à Marquesa, o que não poderia ser diferente nos moldes daquela sociedade. A imagem de Domitila está sobreposta à imagem de D. Leopoldina, sem dúvidas. Os "valores morais" da época são de extrema importância para construção da imagem dos personagens envolvidos. Mesmo findando sua vida na tarefa de ajudar ao próximo, coisa que seus acúmulos, durante o interlúdio imperial lhe permitiu, toda propagação de amor ao próximo e às obras de caridade as quais se dedicava, a Marquesa de Santos passou para história como a “amante devassa e despudorada” (PRIORE, 2012, p.137). Dentre as bibliografias analisadas são muitos os pontos em que a reprodução da figura de Domitila se afasta e, ao mesmo tempo, retroalimenta-se.

Em meio a esse “escandaloso” romance encontra-se D. Leopoldina, Imperatriz amada pelos seus súditos e reconhecida pela sua intensa participação e influência direta na Independência do Brasil (KAISER, 1994, p. 48). O que muito chama atenção é o fato que mesmo em obras como a de Gloria Kaiser que tem o intuito de romancear os acontecimentos da época, Domitila é sempre posta em contraste a imagem de D. Leopoldina e inserida de alguma forma no cenário político da época, sempre transmitindo uma segunda intenção sobre a personagem.

Agraciada com o título de Marquesa de Santos, numa provocação a José Bonifácio, que pertencia a uma família santista. A cutucada se explica: a essa altura, o velho patriarca já se tornara inimigo político do imperador e o mais ferrenho adversário de Domitila. À medida que aumenta a paixão do monarca pela cortesã, o que era comentado à boca pequena por todo o reino, crescia na mesma proporção seu desprezo pela imperatriz. Muito querida por seus súditos, Leopoldina ganhou logo a solidariedade das camadas populares contra a destruidora de lares reais (KAISER, 1994, p. 122).

A figura da Marquesa de Santos passa a ser alvo da sociedade da época, seu caráter ambíguo, sua forte personalidade foi responsável por despertar amores e desamores e sua aproximação com o Imperador e sua fixação na corte lhe rendeu rótulos de “alpinista social”, “amante do Imperador” à “assassina da Imperatriz” (REZZUTTI, 2012, p.105).

Nesse paragrafo da obra de Rezzutti, encontram-se claras as especificações sobre a personagem, as clivagens continuam impregnadas com os conceitos sociais daquela época mesmo passados mais de um século e com todas as mudanças ocorridas nos parâmetros sociais.

A medida que a paixão se ampliava o Imperador concedeu os títulos de Viscondessa e Marquesa de Santos para sua amante. Para muitos a ação daquela mulher moldava o comportamento político do Imperador e sua grande ambição seria a de ocupar a condição de Imperatriz do Brasil (REZZUTTI, 2013, p. 25).

Com seu comportamento peculiar para época, sem dúvidas Domitila de Castro Canto e Melo entra para história do Brasil como uma das principais protagonistas do nosso Brasil Império, sua história e seus feitos se perpetuam até os dias atuais, sua imagem é representada das mais variadas formas, grandes obras foram produzidas no cinema e muitas bibliografias, sem contar inúmeras novelas, minisséries e documentários dando ênfase a sua história.

Porém, somente na obra de Rezzutti (2013) consegui encontrar especificações posteriores de Domitila a sua estadia na Corte do Rio de Janeiro. O autor retrata a personagem de forma completa, não só enfatizando seu romance e sua historicidade quanto “amante devassa”, mas, transmitindo de forma clara seu potencial político, sua participação ativa na vida intelectual da província de Santos e seu casamento com o brigadeiro Tobias de Aguiar. Muito nos chamou a atenção, a preocupação do autor em desfazer certos equívocos relatados na nossa historiografia, como por exemplo, as afirmações que Domitila possuía grande poder de manipulação sobre o imperador. Um trecho de uma das cartas do imperador à sua favorita, deixa claro que existem favores concedidos à sua amada, por outro lado D. Pedro apresenta ter noção de até onde poderia ir: “sinto infinito quando não posso fazer o que mercê pede; mas é o que acontece a quem como eu deseja manter a justiça e a disciplina militar, que muitas vezes tem de dar golpes em sua alma e faltar a quem ama quando lhe pede qualquer coisa” (REZZUTTI, 2013, p. 169).

O texto acima trata do trecho de uma carta de D. Pedro à Domitila informando-a que não poderia atender o pedido de sua amada. Podemos analisar inúmeras passagens como essa, nas obras de Rezzutti, muito diferente do que encontramos nos textos de Glória Kaiser, onde é atribuído um maior destaque à imagem de mulher manipuladora atribuída à Marquesa.

Com a preocupação do autor em esmiuçar essa personagem, nos traz a possibilidade de conhecer uma nova Marquesa, levantando questões que antes nem mesmo eram pensadas. Rezzutti se preocupa em fazer uma dialética entre os principais biógrafos da marquesa, relatos de diversos estrangeiros e alguns fatos ocorridos na sociedade não contemporânea a sua existência, com o intuito de nos mostrar como a imagem e influência de Domitila ainda é presente na sua posterioridade.

No documentário *Marquesa de Santos, uma História Real*⁶, um documentário produzido a partir de documentos, autores e testemunhos de familiares, nos traz o Chalaça, Francisco Gomes da Silva, secretário e braço direito do Imperador, como o principal mentor de todos os feitos da Marquesa, sendo ela influenciada pelas ambições do fiel secretário do Imperador. Essa produção também nos mostra como as mudanças ocorridas na sociedade alteram drasticamente o cotidiano dos seus descendentes. A produção retrata a história da marquesa de forma célebre e dispõe sua imagem como um verdadeiro mito feminino da História do Brasil Império. Tão contrastante é essa produção que em seu interior encontramos depoimentos que exaltavam a figura de Domitila, assim como, encontramos depoimentos de próprios familiares na qual denegriram sua imagem.

A análise

A representatividade da mulher e seu papel na sociedade são resultados das abordagens analíticas das sociedades da época, o processo de transformação é o fator para conceituação sobre a posição feminina. As tensões e contradições, que se estabelecem nas diferentes épocas irão interferir diretamente nas opiniões e posições de diferentes grupos sobre o mesmo assunto, e essa articulação gerar um perfil para a personagem.

⁶ *MARQUESA DE SANTOS UMA HISTORIA REAL*, documentário. Produção Wedoo Filmes e direção Dimas Oliveira, 2001.

Os novos discursos filosóficos e as teorias contraditórias sobre a condição da mulher, irão trazer as transformações na sua representatividade, o contexto político e a diferenciação das classes sociais irão ditar de forma expressiva o comportamento adequado para aquela determinada temporalidade (TEDESCHI, 2008, p. 87).

Ao abordar a história das mulheres pelas representações, busca-las trazer para o cenário os discursos de construção das identidades e da interpretação masculina do mundo. Cabe então a nós, homens e mulheres, contribuir para desnaturalizar essa história (TEDESCHI, 2008, p. 86).

Os diversos olhares remetidos a Marquesa não são somente frutos das mudanças ocorrida nas sociedades ao longo do tempo, são também resultados das mudanças da própria forma de se “fazer História”. Segundo Chartier, haveria chegado o “fim da comodidade” no que se refere às produções históricas. A crise das produções historiográficas teria início com a quebra dos paradigmas dominantes que eram responsáveis por essas construções, o fim das alianças tradicionais inevitavelmente irá levar a novos caminhos e tornar inúmeros os campos de pesquisa.

As transformações das sociedades ocidentais capitalistas e liberais são fatores primordiais para as mudanças nas interpretações históricas nas formas descritivas, a questão interdisciplinar também vai ser de suma importância pois olhares e percepções agora irão atuar nas pesquisas. As certezas teóricas começam a se transformar diante das novas exigências metodológicas e diante das novas propostas de objetos e motivações a serem estudadas.

Todas essas transformações irão levar a certa “fragilização” da hegemonia intelectual da época, pois o que havia sido deixado de lado pelos Annales, nos anos 1930 passa a ser interpretado dentro de um novo contexto (CHARTIER, 1989, pp. 175-176). Novas frentes históricas foram abertas, novas conjunturas e estruturas foram postas à prova. À frente essa mudança do como se pensar e produzir história, houve dualidade em relação aos historiadores tradicionais. Porém, para se garantir legitimidade é necessário um compromisso, pois, a ciência renovada não poderia abandonar as características específicas da centralidade institucional e o tratamento quantitativo das fontes maciças e seriais garantiam a credibilidade, tal aliança não poderia ter outro resultado que não fosse o sucesso.

No final dos anos 1980, a história toma rumos de inovação às perspectivas de análise deixam de ter fatores conferidos às determinações coletivas dos condicionamentos sociais preferenciais e entram no “paradigma da crítica”, trazendo

uma nova filosofia à consciência. Assim transformando as ciências sociais tradicionais em “paradigmas obsoletos” (CHARTIER, 1989, p. 173). Então nesse momento o que fazer? Simplesmente aceitar? A história entra em uma guinada crítica? Ou uma crise geral das ciências sociais?

O refluxo do pensamento Marxista e do estruturalismo não significa uma crise, as estruturas são ainda as bases intelectuais francesas, a Etnologia e a sociologia são fundamentais para construção da historicidade. Mesmo que por alguns o modelo Braudeliano (espaço, tempo e sociedade) fora deixado de lado, ele ainda se fazia a primazia dessa conjuntura (CHARTIER, 1989, p. 177).

Chartier, afirma que as mudanças que ocorrem nas construções historiográficas não se devem à crise alguma, e sim à mudanças e distâncias tomadas nas práticas de pesquisa. Eram três os campos de pesquisa do historiador (modelo braudeliano) e ao decorrer do tempo esse conjunto abala-se progressivamente deixando brechas, essas brechas ampliaram a abertura para um campo em que “tudo é história” (CHARTIER, 1989, p. 176). Esse confronto das estruturas irá gerar novos campos a serem explorados (história das representações; história oral; história do discurso...).

Segundo Jacques le Goff, a memória é a propriedade que conserva certas informações e essa informações irá servir para atualizar as impressões passadas ou reinterpretá-las. O estudo da memória social é um dos meios fundamentais para se abordar as questões do tempo e da História (LE GOFF, 1990, p. 366).

A memória é um dos principais alicerces da História se interligando ao documento, ao monumento e a oralidade. Mas somente a partir da década de 1970 passa ser utilizada como objeto de reflexão na Historiografia. Com a Nova História a Antropologia, a Filosofia, a Psicanálise e a Sociologia passam a atuar juntamente com a Memória para produção historiográfica. Quando os historiadores se remetem a pesquisa das memórias, como objetos da história, sejam elas individuais ou coletivas o campo que se atua na maioria das vezes é o da Oralidade. Porém, deve-se atuar com cautela para que não se confunda a memória coletiva com a memória histórica (LE GOFF, 1990, p. 387).

Hoje contesta-se a questão de não poder trabalhar a memória como documento histórico, pois a História é uma construção que resgata o passado no ponto de vista social, e também é um processo que se funde em paralelos de cada indivíduo por meio da memória (LE GOFF, 1990, p. 371). Entretanto a memória coletiva é de maior interesse para os historiadores, pois é a través dela que se produz a oralidade, pois as lembranças vividas e transmitidas por uma comunidade nos trazem pontos em comum, fazendo com

que o historiador consiga distinguir com maior facilidade os fatos dessa determinada temporalidade.

Quando me deparo com as narrativas sobre a Marquesa, Logo me remeto à questão levantada por Le Goff, “entre História e Memória, deve-se analisar o fato de a História trabalhar com o acontecimento colocado para sociedade, enquanto para memória o principal é a reação que o fato causa no indivíduo” (LE GOFF, 1990, p. 386), ou seja, a História tem o intuito de trazer aquilo que esta submerso, seja sobre determinado indivíduo, ou sobre determinada sociedade e a Memória se solidifica dentro de um realidade vivida e reelaborada pela imaginação. Sendo assim as análises historiográficas e as narrativas da personagem devem ser submetidas com muita cautela para que não ocorra um choque na construção e interpretação dos fatos.

A abordagem analítica das relações sociais, seria o principal fator para as mudanças na representatividade da mulher e seu papel na sociedade, com a figura da Marquesa destaca-se notoriamente essas mudanças, além das alterações nas formas de construir a “história”, os processos de transformações que ocorrem na sociedade durante o período é o fator principal para as conceituações no que diz respeito ao papel e posição da mulher. A produção social está intimamente ligada ao gênero e é essa intervenção que vai ditar no contexto social o que é a contribuição, o comportamento e a participação para o homem e para mulher. O contexto e a classe social também irão ditar de forma expressiva o comportamento adequado para àquele determinado espaço ou ocasião. É quase que inquestionável que o séc. XIX representa a mulher dentro dos parâmetros da sociedade como ser inferiorizado e subordinado a vontade dos homens, embora muitas mulheres contemporâneas a esse período tenham sido de extrema contribuição e participação direta para construção de nossa posterioridade. Somente após mais de um século as produções culturais ou historiográficas irão começar a dar ênfase a importância nas participações no cotidiano social e político da época. O “estar sendo mulher” ou “ser mulher” se transforma juntamente com a sociedade, e junto com essas transformações, ocorrem as mudanças nas representações (TEDESCHI, 2008, p. 126).

Relatar a representação e memória de Domitila de Castro Canto e Melo é observar de fato as transformações ocorridas no mundo contemporâneo e suas intervenções, e compreender as tensões e contradições que estabeleceram diferentes épocas, tempos e sociedades, é tentar compreender a relação entre mulheres de mesmo grupo e grupos

sociais distintos com opiniões e posições sobre mesmo assunto articulando-se de tal forma que irá gerar um perfil para a personagem (BEAUVOIR, 2003, p. 204).

Referências

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.

CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. **Revista dos ANNALES**, nov-dez, n. 6, p. 1505-1520, 1989.

KAISER, Gloria. **Dona Leopoldina**. Uma Habsburg no Trono Brasileiro. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1994.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão. São Paulo: Editora UNICAMP, 1990.

PRIORE, Mary Del. **A Carne e o Sangue**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco. 2012

_____. **Histórias Intimas**. São Paulo: Ed. Planeta, 2011.

RANGEL, Alberto. **Cartas de d. Pedro I á marquesa de Santos**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. 1984.

REZZUTTI, Paulo. **TITILIA E DEMONÃO**. Rio de Janeiro: Geração Editorial, 2011.

_____. **Domitila: a verdadeira história da Marquesa de Santos**. São Paulo: Geração Editorial. 2013.

TEDESCHI, Losandro Antônio. **História das mulheres e as representações do feminino**. Rio de Janeiro: Curt Nimuendajú, 2008.

Patrícia Couto Nascimento

Graduada em História pela UNIABEU.